

## GYM BRASIL - Festival Nacional de Ginástica para todos

Michele Viviane Carbinatto<sup>1</sup>  
Daniela Bento Soares<sup>2</sup>  
Marco Antonio Coelho Bortoleto<sup>3</sup>

---

### RESUMO

Este artigo discute as características gerais do Gym Brasil, edição de 2013, bem como suas tendências coreográficas. Por meio de uma pesquisa qualitativo-descritiva, foram selecionadas algumas publicações sobre ginástica, especialmente às que analisavam eventos e festivais ginásticos, documentos oficiais como o estatuto, o regulamento geral e o regulamento específico do evento “Festival Gym Brasil”, todos publicados pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Constatou-se que a maior parte dos participantes é do sexo feminino, adolescentes e jovens advindos da região sudeste. As coreografias utilizaram materiais construídos e/ou adaptados (não oficiais) de pequeno porte, com influência da música popular, principalmente samba e axé, com significativa ênfase nos fundamentos técnicos das modalidades gímnicas de competição. Para que o festival tenha uma representatividade geográfica maior bem como maior diversidade cultural, sugerimos mudanças nas estratégias de difusão adotadas pela CBG, oferecimento de formação continuada durante o evento, ampliação do número de participantes, especialmente de grupos de outras regiões do País.

**Palavras-chave:** Ginástica; Educação Física e Treinamento; História

---

- 1 Doutora em Educação Física. Professora da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EFE/USP). São Paulo/São Paulo, Brasil. E-mail: mcarbinatto@usp.br
- 2 Doutoranda em Educação Física. Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP). Campinas/São Paulo, Brasil. E-mail: danibsoares@hotmail.com
- 3 Doutor em Educação Física. Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP). Campinas/São Paulo, Brasil. E-mail: bortoleto@fef.unicamp.br

## INTRODUÇÃO<sup>4,5</sup>

Os festivais ginásticos são eventos consolidados em diferentes países, principalmente na Europa central, e em alguns casos revelam uma tradição secular, como por exemplo, o *Deutsche Turnfest* (Alemanha, desde 1860), *Landsstaevne* (Dinamarca, desde 1862) e *Espartaquiadas/ Slets* (República Tcheca, desde 1882).

No entanto, foi após o festival denominado *Lingfada*, realizado na Suécia em 1939 em comemoração aos 100 anos do “patriarca” da ginástica sueca Peer Ling, que esse tipo de evento massivo passou a ter espaço nos debates no interior da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Após anos de discussão, em 1953 a FIG realizou a primeira edição da *World Gymnaestrada* – comumente denominada em português *Ginastrada Mundial* (GM) – (LANGLADE; LANGLADE, 1970), atualmente o maior evento organizado por essa entidade com mais de 20.000 participantes nas últimas edições, o dobro de participantes dos Jogos Olímpicos (MECHBACH; WANEBERG, 2011; PFISTER, 2003; SANTOS; SANTOS, 1999,).

É possível dizer que os festivais ginásticos permitem aos participantes celebrar a prática esportiva sem que as particularidades da cultura local, regional ou nacional sejam perdidas. Em alguns casos, os festivais buscam a promoção e o fomento do nacionalismo ou o conagraçamento, após o fim dos regimes totalitários/comunismo, embora essas características tenham sido diluídas e suplantadas por outros objetivos, como o turismo, por exemplo, (WICHMANN, 2014; ZEHREER; HALLMAN; BREUER, 2014). Outro aspecto que merece destaque é que os festivais constituem-se em espaços onde se cruzam e sobrepõem-se participantes de diferentes faixas etárias, níveis de habilidade, classes sociais, gênero, tornando-se um momento democrático, diverso e inclusivo (MECKBACH; WANEBERG, 2011; PFISTER, 2003).

Desse modo, os festivais são um importante espaço de aprendizagem, de formação humana, educação estética, tanto para profissionais da Educação Física, como para o público em geral, contrapondo-se à tendência competitiva, seletiva, e comparativa, constatada na maioria dos eventos esportivos atuais (PATRÍCIO; BORTOLETO, 2015).

No contexto brasileiro, desde a década de 1980, ainda que de forma não regular, a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) preocupa-se em organizar um festival nacional denominado “Festival Gym Brasil”, cujo objetivo é disseminar a prática da ginástica, ampliar as amizades entre pessoas e grupos e realizar avaliações pedagógicas e sem pódios. Neste artigo, analisamos a edição de 2013 do evento, para, por meio da reflexão-na-ação (SCHÖN, 2000), sugerir estratégias para sua consolidação como evento de abrangência nacional.

---

4 Essa pesquisa foi parcialmente financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

5 Os autores declaram que não há conflito de interesse.

## O Festival Gym Brasil

No Brasil, podemos destacar ao menos quatro fatos que marcaram o desenvolvimento dos festivais ginásticos: a imigração europeia entre o século XIX e o XX; o período nacionalista militar na era Vargas; a organização da GPT em algumas federações no final do século XX; e por fim, a organização da GPT nas universidades brasileiras e na CBG neste início do século XXI.

No início do século XIX, o Brasil vivia um intenso movimento agrícola. A fartura de alimentos e a necessidade de mão de obra atraíram imigrantes advindos do mundo todo, sobretudo, da Europa. Esses cidadãos trouxeram ao País não somente força de trabalho, mas também aspectos da vida cultural de seus países de origem. Exemplo disso são os alemães, que, ao se instalarem no sul do nosso país, deram continuidade ao “Turnen” – movimento alemão de ginástica. Sociedades de ginástica foram criadas e ampliadas, tendo, por exemplo, a fundação da “União de Ginástica Alemã”, na cidade de São Paulo em 1888 e a “Sociedade de Ginástica de Turnerbund”, na cidade de Porto Alegre em 1892, símbolos locais de representação da identidade (MAZO; GAYA, 2006; SILVA, 2006). No Rio Grande do Sul, iniciaram-se os primeiros movimentos festivos do Brasil, com a criação do *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* e *Allgemeine Turnfest* em 1895 (MAZO; LYRA, 2010). Esse movimento iniciou aqui a prática da ginástica, a qual foi posteriormente, com a chegada do método francês, implementada nas escolas brasileiras.

Mais adiante historicamente, com o advento do Regime Militar em 1964, a ideia da ginástica competitiva e o fortalecimento do conceito de esporte ganharam o interesse das instituições escolares e dos clubes esportivos. Intentava-se “promover o desporto representativo capaz de trazer medalhas olímpicas para o país” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1988, p. 30). A ideologia dessa concepção estava em massificar o esporte nas escolas e nos clubes para gerar futuros campeões.

No estado de São Paulo, entre os anos de 1960 a 1966, foram organizados eventos de ginástica de grande área no Estádio do Pacaembu pela federação daquele estado, os quais, por influência da política militarista, foram vinculados a comemorações de datas cívicas e a abertura e encerramento de eventos esportivos competitivos. Logo, a ginástica passou a ser simbolizada com o caráter espetacular ou cerimonial (TOLEDO, 2007). Com o fim da ditadura militar no nosso país, a prática de ginástica de grande área diminuiu e a ginástica esportivizada ganhou ainda mais força.

Então, nas décadas de 1970 e 1980 houve avanço na difusão da ginástica no Brasil, no âmbito das ginásticas artística (GA) e rítmica (GR). Reforçada pela mídia, a ideia da ginástica como extremamente difícil, ousada e espetacularizada (AYOUB, 2007) foi difundida, diminuindo ainda mais a procura pela prática da ginástica de simples realização.

Apesar disso, a organização esportiva do Brasil teve seus benefícios. Em 1951, a ginástica foi incorporada à Confederação Brasileira de Desportos (atual Confederação Olímpica Brasileira) e culminou na realização da primeira edição do Campeonato Brasileiro de Ginástica. Além disso, no mesmo ano, o Brasil se filiou à FIG, e os campeonatos

ginásticos nacionais passaram a ter regulamentos e organização similares às normatizações da FIG. Apenas 27 anos depois, em 1978, é que a CBG foi oficializada.

Na contramão das políticas esportivas brasileiras que valorizaram sobremaneira o esporte de competição, uma parceria entre a CBG e a Escola Técnica Federal de Ouro Preto resultou no Festival de Ginástica e Dança (FEGIN), inicialmente agregado ao Campeonato Brasileiro Juvenil de Ginástica Rítmica (GR) (REZENDE, 1996a; REZENDE, 1996b).

Realizado pela primeira vez em 1982, o FEGIN se tornou o primeiro evento nacional de GPT, com apresentações de GR, dança, acrobacias de solo (*tumbling*) e série nos aparelhos de GA. Esse festival teve sete edições, sendo a última no ano de 1992, todas realizadas na cidade de Ouro Preto(MG), localidade privilegiada seja devido à sua importância cultural e turística, seja por sua proximidade com estados como São Paulo e Rio de Janeiro, relevantes centros de desenvolvimento da ginástica no Brasil.

Destacamos, no entanto, que os registros históricos desses festivais são escassos e poucos precisos. De acordo com Souza (1997), a partir de 1983 o evento foi oficializado pela CBG. Em 1992, o FEGIN foi substituído pelo Gym Brasil, com as seguintes edições: I GymBrasil – Friburgo – Rio de Janeiro – 1992; II GymBrasil – Guarulhos – São Paulo – 1993; III GymBrasil – Aracaju – Sergipe – 1994; IV GymBrasil – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – 1996; V GymBrasil – São Bernardo do Campo – São Paulo – 2012; VI GymBrasil – Piracicaba – São Paulo – 2013. No entanto, este último foi divulgado como sendo a V edição pela CBG<sup>6</sup>.

Por outro lado, seguindo a decisão adotada pela FIG, a CBG também criou o Comitê Técnico de GPT, no ano de 1984, tendo como seu primeiro presidente o professor Fernando A. Brochado. Vinculado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus Rio Claro, o referido docente organizou diversos cursos de GPT, alguns inclusive ministrados por professores estrangeiros e especialistas da FIG.

As reformas educacionais ocorridas no Brasil, na década de 1990, levaram a discussão sobre a formação profissional específica para professores de Educação Física, buscando adequar as novas demandas da educação básica e de outras áreas de atuação que estavam em emergência, dentre elas a do lazer, a do treinamento físico (clubes, academias), as atividades para pessoas com deficiência, o esporte de aventura, entre outras.

Considerando a perspectiva abrangente, não competitiva e inclusiva da GPT, muitos profissionais vislumbraram a possibilidade de empregar essa prática em alguns dos campos anteriormente mencionados (SOUZA, 1997). Toledo (2005) destaca que a prática da GPT poderia ser significativa em diferentes aspectos (formação humana, capacitação profissional, aplicação de conteúdos curriculares, intercâmbios, etc.) para os graduandos em Educação Física, não só como futuros professores, mas também como seres sociais e cidadãos.

Foi nesse ambiente que o trato com a GPT se intensificou (TOLEDO, 2005). Uma das universidades pioneiras nesse trabalho, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),

---

6 Há um descompasso de informação em relação à sequenciação do Gym Brasil, sobretudo devido à dificuldade em se manter e dar continuidade aos trabalhos realizados por diferentes mandatos políticos. Para o presente artigo, optamos por manter como quinta edição, visto que assim foi utilizado na divulgação oficial do evento.

realizou, em 2006, o primeiro Encontro de Ginástica Geral, o qual evoluiu para o evento hoje chamado de “Fórum Internacional de Ginástica para Todos”, já em sua oitava edição (2016). Também é nessa universidade que se encontra um dos principais grupos de GPT do País, o Grupo Ginástico Unicamp (GGU), que, além de turnês nacionais e internacionais, organiza *workshops*, cursos e produz conhecimento na área da GPT (LACERDA; BORTOLETO; PAOLIELLO, 2012).

Outrossim, nosso interesse em descrever, analisar e discutir a última edição do festival é justamente permitir que registros sejam realizados e acessados pelo profissionais da área e interessados em geral, em prol de uma memória efetiva e detalhada da GPT no Brasil. As lacunas sobre as edições passadas limitaram comparações, mas não impossibilitaram a realização do nosso trabalho.

Conforme estabelecem o regulamento específico e o estatuto geral da CBG, o festival deve ser organizado pela CBG em parceria com alguma federação estadual, essa última como executora da atividade. Lima e colaboradores (2014) destacam que, embora 22 federações sejam filiadas a CBG, apenas três propuseram a organização do evento durante a Assembleia Geral da CBG em março de 2012: Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ), Federação Riograndense de Ginástica (FRG) e a FPG.

As primeiras edições foram denominadas de “Torneio Gym Brasil”, contudo, considerando a inadequação do termo, no ano de 2012, o Comitê Técnico de GPT sugeriu a retomada da expressão “Festival”, mudança aprovada na Assembleia Geral da CBG em fevereiro de 2013. Essa mudança se fez necessária, pois, na língua portuguesa, torneio refere-se a qualquer certame, campeonato ou disputa que concede o título de campeão ao vencedor (HOUAISS, 2014), o que não acontece no festival, no qual todos apresentam suas coreografias e não há vencedores ou perdedores.

Regimentalmente, o “Festival Gym Brasil” é aberto a qualquer entidade, filiada ou não às respectivas federações estaduais e a participação se dá por meio da apresentação de uma ou mais composições coreográficas com um número mínimo de dez integrantes, tempo máximo de coreografia de quatro minutos para grupos com materiais de pequeno porte e seis minutos para grupos com materiais de grande porte. Ademais, o regulamento do Gym Brasil é balizado pelo regulamento da FIG para GM e detalhes podem ser acessados no portal da CBG (CBG, 2015a).

## MÉTODOS

Esta pesquisa, cuja natureza pode ser definida como qualitativo-descritiva, foi realizada em dois momentos principais. De modo preliminar, uma revisão sistemática da literatura (MARCONI; LAKATOS, 2005), selecionando algumas publicações sobre ginástica, especialmente às que analisavam eventos e festivais ginásticos e dos documentos oficiais como o estatuto, o regulamento geral e o regulamento específico do evento “Festival Gym Brasil”, todos publicados pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG).

Em seguida, um estudo de campo, quando registramos em vídeo todas as composições coreográficas apresentadas na edição de 2013 do Festival Gym Brasil, realizado na cidade de Piracicaba (SP). Executamos o registro com uma câmera Sony HD na sequência em que as coreografias foram apresentadas.

Para a análise das composições, utilizamos as categorias propostas por Gerling (s/d) que inclui: perfil dos grupos – quantitativo; faixa etária; gênero; modalidade base da coreografia – ginástica rítmica, ginástica artística, dentre outros; características do figurino; detalhes do implemento (material utilizado); música; utilização do espaço coreográfico e formação entre os participantes; movimentos e sua qualidade técnica e temática.

Uníssono às categorias citadas, também tivemos acesso às fichas de avaliação que o Comitê Técnico de GPT da CBG fez de cada grupo, com o objetivo de credenciar os grupos brasileiros para participar da XV edição da Ginastrada Mundial, realizada em julho de 2015. E, por fim, foi realizado um registro das apresentações do festival em diários de campo, o que subsidiou as análises juntamente com o registro fotográfico.

Finalmente, os dados obtidos na análise dos vídeos foram tratados pela estatística descritiva (FIGUEIREDO et al, 2007).

## RESULTADOS

A edição do Festival Gym Brasil, objeto desta análise, decorreu no dia 21 de setembro de 2013<sup>7</sup> na unidade do Serviço Social do Comércio (SESC) na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo. A organização e a produção foram compartilhadas entre a FPG e o próprio SESC, com apoio oficial da Prefeitura Municipal de Piracicaba, especialmente no oferecimento de alojamento gratuito para os grupos.

Os grupos inscritos puderam optar por chegar à cidade um dia antes, com possibilidade de alojamento econômico em uma escola da rede estadual da cidade-sede, o que garantiu maior comodidade aos grupos que fizeram longas viagens. A inscrição dos grupos foi realizada mediante envio da ficha de inscrição oficial, fornecida pela CBG, via federações estaduais – para atender a normativa do evento –, embora os grupos e os ginastas não tenham a obrigatoriedade de estar filiados àquelas.

No dia do festival, foi realizada uma reunião técnica entre os organizadores, coordenadores de grupos e os membros do Comitê Técnico de GPT da CBG e da FPG, para apresentar os detalhes do festival, bem como dos eventos realizados pela FIG (*Gym for Life Challenge* e Ginastrada Mundial). Na oportunidade, foi apresentada a ordem dos ensaios de cada grupo (com um tempo total regulamentar de 10 minutos por coreografia, sendo 28 apresentadas), realizados durante o início da tarde do mesmo dia.

---

7 Conforme ficou decidido na Assembleia Geral da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), em 2014 e 2015 o festival deveria ter sido realizado em Porto Alegre e Manaus, respectivamente. Em ambos os casos, não houve mobilização em tempo hábil para divulgação e organização dos grupos, nem sequer daqueles oriundos dos estados que sediariam o evento, sendo ambas edições canceladas.

Com início às 18 horas e entrada gratuita, as apresentações foram no Ginásio Poliesportivo do SESC, devidamente adaptado para o evento (arquibancadas frontais e laterais para o público, sistema de iluminação e som, dentre outros). Aos mais de 353 ginastas de 15 diferentes grupos, foi reservado um espaço de aquecimento e espera. Com aproximadamente 2 horas de duração, o público estimado do festival foi de 700 pessoas.

Em relação ao perfil dos participantes do evento, notamos que 73% dos ginastas eram do sexo feminino (Tabela I) e distribuídos geograficamente na região sudeste (Tabela II).

**Tabela I.** Quantidade de participantes por sexo

| Total de ginastas     | 353 | %  |
|-----------------------|-----|----|
| Sexo Feminino         | 257 | 73 |
| <b>Sexo Masculino</b> | 60  | 17 |

Fonte: Coleta de Dados, 2015

**Tabela II.** Distribuição dos grupos por região

| Região          | Grupos    | Estados         | %    |
|-----------------|-----------|-----------------|------|
| <b>Sudeste</b>  | 10        | 7 SP; 3RJ       | 66,7 |
| <b>Nordeste</b> | 03        | 1 SE; 1 RN; 1CE | 20   |
| <b>Sul</b>      | 02        | 2 PR            | 13,3 |
| <b>Total</b>    | <b>15</b> | <b>06</b>       |      |

Fonte: Coleta de Dados, 2015

Em relação ao dinamismo coreográfico, percebemos que apenas 02 das 28 coreografias não apresentaram mudança de formação dos ginastas e que houve a predominância de materiais de pequeno porte, detalhados nas tabelas III e IV:

**Tabela III.** Implementos tradicionais mais utilizados nas coreografias

| Tradicionais da Cultura Corporal |   |
|----------------------------------|---|
| Tipo                             | N |
| Arcos de GR                      | 5 |
| Bastão de Maracatu               | 1 |
| Bola de Pilates                  | 1 |
| Jump                             | 1 |
| Fita de GR                       | 3 |

Fonte: Coleta de Dados, 2015.

**Tabela IV.** Implementos novos, construídos e/ou adaptados para a ginástica mais utilizados

| Novos/Construídos ou de uso não tradicional |   |
|---|---|
| Tipo  | N |
| Barangadão                                  | 1 |
| Tule / Tecido                               | 2 |
| Bancos dobráveis individuais                | 1 |
| Baldes e Rodos                              | 1 |
| Chinelão Infantil                           | 1 |
| Plumas Carnavalescas                        | 2 |
| Guarda-Chuvas                               | 1 |
| Cubos de espuma (grandes)                   | 2 |

Fonte: Coleta de Dados

## DISCUSSÃO

### *Sobre o perfil dos grupos participantes*

O regulamento geral da CBG, em seu capítulo quinto, versa sobre as categorias para os eventos da GPT, indicando, de modo claro, haver uma única categoria para o Gym Brasil, sem discriminação de idade, sexo, ou qualquer outro aspecto (CBG, 2013).

A partir dos dados das inscrições, cordialmente cedidos pela secretaria técnica da CBG e posteriormente confirmados a partir da análise dos vídeos (Tabela I), observamos uma predominância de ginastas do sexo feminino.

Apesar de a ginástica ter seu início com a prática masculina (PÚBLIO, 1998), seu desenvolvimento tem mostrado uma maior tendência para a prática entre as mulheres. Buscando compreender essa dinâmica, o mesmo autor relata que o crucifixo (ou cristo) realizado nas Argolas da Ginástica Artística, pode ser um motivo, pois, apesar da utilização da força, que no imaginário social representa uma característica masculina, deve ser executado em flexão plantar (ponta dos pés) e com a postura do tronco ereta, por vezes associada às mulheres, como herança do balé e outras práticas tradicional e preconceitualmente ditas femininas. Do mesmo modo, o empenho dos ginastas em desenvolver a flexibilidade e a postura pode levar a uma discriminação, uma vez que utilizam técnicas e modelos estéticos da dança (mais precisamente do balé).

Knijnik (2010) salienta que a concepção generificada do esporte pela sociedade (mídia, família, amigos) intimida ou impede crianças de optar por modalidades que não pertençam estritamente à conduta de gênero esperada para cada sexo. Obviamente, as prejudicadas são as próprias crianças que acabam por não conhecer uma modalidade.

De fato, o estudos de Paoliello et al (2012), sobre o perfil da delegação brasileira na GM de 2011, retrataram maior participação feminina, o que indica que não se trata de

uma tendência exclusiva do Gym Brasil. Essa diferença de gênero na prática da ginástica também pode ser observada nos países escandinavos, pioneiros de grande tradição no assunto. Na Finlândia, por exemplo, a prática da ginástica no início do século passado permitia aos homens exercícios com trabalho de força e velocidade – características de aparelhos como as barras e o salto – e, às mulheres, graciosidade, beleza e suavidade (TANNER, 1927). Na atualidade, a ginástica tornou-se uma prática quase totalmente feminina naquele país (MECHBACH; WANEBERG, 2011). O Festival de Ginástica para todos do Japão, edição 2013, também apresentou maior número de mulheres (SOARES et al, 2015). Contrapondo essa realidade, na Dinamarca a prática da ginástica, desde seus primórdios, pode ser considerada equilibrada entre os gêneros.

Em relação aos grupos etários, consideradas as faixas propostas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015): criança (5 a 12 anos), adolescente (12 a 18 anos); jovens (19 a 25 anos); adultos (25 a 65 anos) e idosos (acima de 65 anos), a prevalência de grupos com ginastas adolescentes ( $n = 8$ , 53,3%), seguida por jovens ( $n = 7$ , 46,6) foi observada.

Onze grupos participantes eram compostos por dois ou mais grupos etários, tendência interessante, uma vez que a maior parte das práticas esportivas é estratificada em categorias específicas e limitadas por idade. Esse fato pode ser entendido como um potencial da GPT, principalmente se observado a partir de uma perspectiva educacional (AYOUB, 2007).

Podemos perceber que 66,7% dos grupos participantes eram oriundos da região sudeste (Tabela II), dos quais sete do estado de São Paulo e três do estado do Rio de Janeiro. Isso pode ser explicado por ser São Paulo o estado onde o evento foi sediado, o que facilitou a logística dos grupos, além do histórico de grupos e festivais no Brasil, pois essa região e estado se destacam na prática da GPT e na sua representatividade nos festivais (PAOLIELLO et al, 2012; SANTOS, 2001). Deslocamentos de grandes distâncias são difíceis para muitos grupos de GPT, uma vez que a maioria dos grupos precisa arcar com os próprios gastos (PAOLIELLO et al, 2012). Essa questão se dá, sobretudo, pelas escassas políticas públicas, bem como de patrocínios oriundos do setor privado para iniciativas esportivas não voltadas à competição e, mais particularmente, ao alto rendimento esportivo.

Destacamos a prevalência de entidades públicas ( $n = 11$ ), sendo cinco prefeituras, uma Organização Não-Governamental (ONG), quatro universidades e cinco instituições particulares (quatro clubes e uma escola). No âmbito competitivo, por contraste, ainda observamos o predomínio dos clubes privados (OLIVEIRA, 2010), talvez pelo fato de que àqueles são exigidas atividades de destaques na mídia, sobretudo as competitivas e que auxiliam no *marketing* da empresa e dos patrocinadores.

Grupos vinculados a prefeituras municipais e universidades se destacaram no evento, sendo ainda responsáveis pela ampliação da participação de diferentes regiões brasileiras, como por exemplo, grupos da Universidade Federal do Ceará, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade Estadual de Maringá-PR.

### *Sobre a composição coreográfica*

A composição coreográfica inclui o desenvolvimento de frases de movimento que são sequenciadas e compostas de acordo com as práticas estabelecidas e as estruturas/exigências formais. A composição dos elementos e entre elementos, das vestimentas e da música é uma decisão que cabe ao ginasta, ao técnico e/ou coreógrafo e é influenciada pelo contexto que os circunda.

O produto do trabalho de GPT, muitas vezes em formato coreográfico, transmite uma mensagem pela combinação de diferentes movimentos corporais; utilização de materiais oficiais, construídos ou adaptados para a ginástica de forma inusitada; e o figurino, o cenário, a música e as luzes a transformam em uma forma de comunicação que atinge vários grupos.

Nas apresentações, “o movimento corporal já não é a tônica das demonstrações e cria um elo indissociável com a arte” (TIBEAU, 1999, p.22). Especialmente em 1969, quando as demonstrações *indoor* passaram a fazer parte do programa da GM, o caráter de “espetáculo” ganhou maiores proporções (TIBEAU, 1999). É nesse sentido que as coreografias devem ser inspiradoras e esteticamente atrativas (GULA, 1990). Não obstante, esse componente artístico da coreografia é disposto no regulamento do Gym Brasil quando esse indica que “as coreografias poderão ser realizadas a mãos livres ou utilizando qualquer tipo de material, procurando formas originais de expressão” (CBG, 2013, p. 3).

Do ponto de vista técnico, o regulamento do evento (CBG, 2013, p.3) aponta as seguintes diretrizes para a composição:

- Cada coreografia terá a duração máxima de quatro minutos (4'), já incluída a arrumação do material portátil no local da apresentação e de seis minutos (6') já incluída a arrumação do material de grande porte.
- A contagem do tempo da apresentação inicia-se quando o primeiro ginasta acessa a área de apresentação, ou quando se inicia a música da apresentação ou a montagem do material, sendo considerado o que ocorrer primeiro.
- A contagem do tempo da apresentação finaliza-se quando o último ginasta deixa a área de apresentação, ou quando termina a música da apresentação ou finaliza-se a retirada do material, sendo considerado o que ocorrer por último.
- Os grupos inscritos no Festival Gym Brasil deverão apresentar suas coreografias com o número mínimo de 10 (dez) ginastas.
- A apresentação será em um espaço de 14m x 14m, em piso plano e não abrasivo.
- As apresentações dos grupos participantes deverão refletir o domínio da Ginástica para Todos dentro de toda a sua diversidade;

A análise das composições se deu por cada coreografia e não por grupos. Como era possível a inscrição de um grupo com até três coreografias, foi possível apreciar 28 coreografias.

Dentre as características gerais das composições, voltamos nossa análise para os elementos apresentados: qual modalidade ginástica subsidiava a composição? Havia elementos de outras manifestações, como a dança e lutas?

As modalidades que parecem influenciar de modo mais destacado as coreografias são a Ginástica Artística, Rítmica, modalidades essas mais tradicionais e com maior número de praticantes e também com maior presença na mídia nacional (BORTOLETO; RODRIGUES; CLEMENTE, 2011).

Além disso, os elementos da GA são básicos para os demais esportes, como acrobacias no trampolim, acrobática, atividades circenses e outros esportes, a exemplo do nado sincronizado, o que pode levar a uma atenção maior dentro do processo ensino-aprendizagem da ginástica.

Os movimentos típicos da GR também tiveram destaque nas coreografias. Inferimos que isso pode ter acontecido por alguns motivos: a facilidade de trato com os materiais de pequeno porte no que diz respeito ao transporte; o baixo custo dos materiais de GR; a possibilidade de construção de materiais oficiais e/ou com alterações para inserção nas composições, dentre outros.

Notamos diversos manejos com as cordas, fitas e arcos, e nenhuma das coreografias utilizou a bola ou maças, provavelmente pela maior dificuldade de manipulação, fato observado também no regulamento da GR, na qual esses aparelhos são inseridos apenas em categorias maiores nos regulamentos oficiais da modalidade (CBG, 2015b).

A Ginástica Acrobática foi representada nas coreografias de adolescentes e jovens e é interessante notar que os papéis masculinos e femininos aceitos pela sociedade, em que a força é característica masculina, foram reforçados nas posições de base (homem) e de volante (mulher).

É preciso atentar para que paradigmas sejam quebrados na GPT, afinal, a mulher também possui força e pode ser base em poses acrobáticas, bem como o homem, ser o volante dela. O fato de não seguir um código de pontuação específico, como as demais modalidades FIG, permite transitar por essas questões.

Quando voltamos nossa atenção ao figurino utilizado pelos grupos, quatro coreografias utilizaram o collant (vestimenta típica das modalidades competitivas). três não tiveram qualquer tipo de elaboração específica, ou seja, utilizaram calça e camiseta comum.

As demais coreografias, ou seja, 75 % (n = 21) optaram por um figurino que seguiu a temática da coreografia: alusão aos indígenas; ao samba; aos elementos da natureza, como mar e pássaros; dentre outros.

Em relação aos acessórios no figurino, cinco coreografias utilizaram arranjos na cabeça, perucas ou cocar, dois deles manga grande e chamativa e um, capa de chuva. Os grupos não utilizaram maquiagem temática, e foram destaques cabelos bem presos e maquiagem leve para as ginastas.

Nove coreografias não utilizaram material em sua apresentação. As demais (67%) utilizaram diversos tipos de implementos, sendo que apenas em uma vimos o uso de implementos de grande porte – leque gigante e carretéis de madeira, utilizados de forma decorativa. Esse dado revela uma importante diferença com o que podemos observar na GM, e talvez mostre a dificuldade que os grupos nacionais possuem em transportar equipamentos grandes ou de tê-los à disposição nos eventos, uma vez que o festival não oferece nenhum tipo de material, como ocorre na GM.

Os demais implementos foram portáteis e podem ser divididos entre os ligados à cultura corporal; os objetos novos e/ou construídos ou de uso não tradicional à prática dos exercícios físicos (Tabelas III e IV).

Dos materiais novos ou do dia a dia, o destaque de criação se deu pela construção de formas de *tangram* de espumas gigantes, utilização do chinelão – brinquedo infantil– para compor a coreografia e materiais do cotidiano como balde, rodo e a rede de descanso, tão comum na cultura do norte e nordeste.

Em relação à temática específica de apresentação, um grupo retomou a história do Brasil indígena; em dez apresentações o foco esteve na música popular (samba, axé e frevo); cinco aludiram à infância ou universo infantil; três referenciaram o folclore e as lendas do Brasil; duas, os elementos da natureza; duas situações do cotidiano; menção a outro país e referência ao teatro clássico tiveram uma representação cada. Em três apresentações não conseguimos apreciar uma tônica.

Quanto à seleção musical, observamos que 15 coreografias pautaram-se pela variedade musical – filmes, instrumentais–, 7 músicas da cultura folclórica e 6 da cultura popular (cinco brasileiras e uma espanhola). A referência a instrumentos da cultura brasileira foi nítida em 26 músicas (93%), o que coaduna com os conceitos de GPT, que salientam a importância da cultura local na prática.

O fato de o Gym Brasil também possuir em seu regulamento a possibilidade de credenciamento na GM pode levar os grupos a elaborar coreografias com intenção nacionalista para apresentação no evento internacional e manutenção da sua identidade nacional. No entanto, em nenhum momento é indicado que a música precisa enaltecer essa identidade nacional. Notamos nas coreografias uma grande quantidade de músicas com ritmos do samba.

Apesar de, no regulamento do festival (CBG, 2013), ser indicado que as músicas deveriam ter a duração máxima de 4 minutos (salvo 6 minutos para as coreografias com material de grande porte), 15 coreografias (53% do total) tiveram seu tempo de duração superior ao regulamentar, inclusive duas com duração superior a 5 minutos.

Para o Gym Brasil, isso não interferiu no andamento do evento, contudo, para a participação do Brasil em eventos internacionais, por exemplo, é preciso cumprir o regulamento de modo a não prejudicar o andamento do festival. Acreditamos que é preciso que os grupos passem a atentar para os regulamentos dos eventos e cumprir, na medida do possível, todos os requisitos. Em eventos como a Ginestrada Mundial, a organização se reserva o direito de cortar a música, caso o tempo exceda o permitido.

Apenas dois grupos realizaram a entrada no espaço cênico já com a música, os demais se posicionaram para a coreografia ter início. Todos os grupos fizeram pose final. De uma maneira geral, a disposição dos ginastas (formação) nas coreografias variou, sendo que somente quatro coreografias apresentaram apenas uma formação. Curioso notar que todos os grupos apresentaram suas coreografias para apenas uma frente, mas a disposição do público se dava também nas laterais. O fato de a organização permitir que o espectador se acomodasse também nas laterais deve ser considerado pelos técnicos/coreógrafos, pois, em praticamente todas as coreografias, era possível, em um ou vários momentos, mudar a posição do ginasta para atender todas as pessoas presentes.

Torna-se importante que a disposição das arquibancadas deve ser enviada com antecedência para que os grupos possam se organizar e privilegiar todo o público, se possível.

Por fim, percebemos que 3 coreografias não apresentaram a ginástica como base (prevalecendo apenas a dança), 4 possibilitaram a visualização de movimentos ginásticos de maior complexidade e 21 coreografias focaram os fundamentos, corroborando os objetivos da GPT, que é o de permitir e explorar os fundamentos gímnicos. Porém, quanto à qualidade técnica dos fundamentos, infelizmente a nossa percepção indicou que a maioria (64%) apresentou qualidade entre média e ruim.

Concordamos com os argumentos de Bortoleto (2008), quando debate que a técnica não deve voltar-se apenas para a lógica do rendimento, de uma gestualidade extremamente codificada, mas, apoiadas em Mauss (1993, apud BORTOLETO, 2008, p.179), uma técnica que vai “além da eficiência mecânica, a técnica dos movimentos (técnica corporal em geral) deve permitir elaborar um movimento eficaz simbolicamente, isto é, que atenda às características de seu contexto sociocultural”.

O Comitê Técnico de GPT da CBG esteve presente e analisou cada coreografia. Após o evento, foi dado um parecer técnico, via email, para cada responsável. Nesse, foram apresentados encaminhamentos para melhoria da coreografia, sobretudo àqueles grupos com objetivo de participação na XV GM. Essa participação presencial foi um dos caminhos para que os grupos se credenciassem na GM, mas não o único, como estabelece o regulamento da modalidade (CBG, 2013).

## CONCLUSÃO

A faixa etária dos participantes do evento observado coaduna com os locais de prática, essencialmente prefeituras e universidades, cujo foco de prática de esporte está entre adolescentes e jovens. Resta-nos incentivar e atentar para que oportunidades de acesso à prática sejam oferecidas também a crianças e idosos, bem como para o sexo masculino, cuja representatividade é significativamente menor. Além disso, vale ressaltar o quão importantes seriam iniciativas de grupos multietários, como permite a GPT, contribuindo para interação social intergeracional.

Como professores e educadores, entendemos que o trabalho com a GPT não deve se apoiar apenas em seu produto final, isto é, na composição coreográfica, mas deve estabelecer, ao longo do processo, a possibilidade de vivências diversas de elementos ginásticos envoltos num ambiente de troca de experiências e ser prazeroso (PAOLIELLO et al, 2012).

Desse modo, concordamos com Santos (2001), quando defende que os festivais são importantes, mas a GPT não pode ser vista apenas como “prática demonstrativa” e esquecer o processo que ela implica: o conagraçamento social, o condicionamento físico, a diversão ao realizar exercícios físicos e os fundamentos das ginásticas.

Parece-nos que a exploração das diversas formas de ginástica, da incorporação de elementos diversos de ritmo, música, figurino e materiais (tradicionais, não tradicionais, construídos, adaptados, ...), princípios fundamentais da GPT, pode contribuir para o

fomento da ginástica em nosso país. Nesse processo, festivais, como o Gym Brasil, possuem papel essencial.

A organização do festival e a dificuldade de atrair a participação de grupos de outras regiões do Brasil, distantes do local onde ele é sediado, representam um grande obstáculo. Uma das possíveis causas pode ser o fato, conforme o capítulo 9º do regulamento da CBG em seu artigo 38, de o evento ser anunciado (início das inscrições) com apenas 55 dias de antecedência. Parece-nos que esse tempo não é suficiente para mobilizar os grupos para a participação, visto que o Brasil é um país com grandes distâncias geográficas, e os grupos, em geral, precisam de longo tempo de preparação logística e financeira (especialmente para arrecadar fundos).

A dinâmica de participação no Gym Brasil não pode utilizar os mesmos mecanismos dos eventos competitivos da CBG. Por conseguinte, apontamos alguns direcionamentos de atenção e discussão para ampliar e tornar o festival ainda mais eficaz na divulgação e na massificação da ginástica:

- a) Ampliar as oportunidades e as motivações dos envolvidos, como a inserção de minicursos e workshops na área da ginástica (capacitação profissional) e as possibilidades de trocas de experiência (pôster científico), por exemplo, podem elevar o envolvimento dos grupos no evento, tanto quanti como qualitativamente (STADNIK; OLIVEIRA, 2007). Na edição de 2013 (bem como nas anteriores), o festival teve apenas reunião técnica e apresentações coreográficas.
- b) Buscar uma maior participação do gênero masculino. Observamos pouca participação do gênero masculino nas manifestações gímnicas da GPT. Essa realidade só será mudada quando os profissionais da área se conscientizarem que as práticas de exercícios físicos e esportivos podem (e devem) ser para todos os gêneros, e as políticas educacionais tratem o assunto com mais afinco e demonstrem as inúmeras possibilidades da ginástica, também para o sexo masculino.
- c) Ampliar a diversidade cultural. Observamos um exacerbado direcionamento a uma única referência cultural do Brasil, como o samba. Sabemos que esta é uma característica forte em nosso país, mas a GPT pode e deve ser uma oportunidade para mostrar a diversidade. Não apenas em relação às músicas e às influências da dança, como as manifestações da catira, bumba-meu-boi, o reinado mineiro, como tantas outras. É importante que as pessoas compreendam a história do Brasil, os garimpos mineiros, a organização da cidade de São Paulo como metrópole, dentre outras possibilidades de exploração que os grupos possuem. Compreendemos que essa mudança está uníssona à ampliação da GPT pelo País.
- d) Criar uma ficha individual dos participantes. A não existência dela dificulta o delineamento do perfil dos participantes do evento. Inclusive, o capítulo 3º do regulamento da CBG (CBG, 2014) esclarece que os participantes de eventos de GPT estão dispensados do cadastro individual.
- e) Pensar em mecanismos que efetivem a documentação histórica dos eventos. Um dos maiores desafios de nosso trabalho foi lidar com a ausência de uma memória histórica. O acesso às inscrições dos participantes, as imagens e gravações só fo-

ram possíveis pelos interesses pessoais dos envolvidos. Não foi possível detectar detalhes em nenhum site de acesso público, o que limita o acesso a informações de pessoas não envolvidas diretamente com o processo. De maneira geral, a memória dos eventos de ginástica do Brasil está dispersa e carece de organização.

## REFERÊNCIAS

- AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- BORTOLETO, M.A.C. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. In: Paoliello, E. (Org.). **Ginástica Geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008. p. 17-28.
- BORTOLETO, M. A. C.; RODRIGUES, R. G. S. A.; CLEMENTE, M. A influência da mídia impressa sobre a prática da ginástica artística na cidade de Campinas. SP. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 16, p. 1-10, 2011.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regulamento Técnico 2013. Ginástica para Todos. Festival Gym Brasil (2013)**. Disponível em: (<http://www.cbginastica.com.br/ginastica-para-todos>). Acesso em: 15 jan. 2014.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regulamento Geral da Confederação Brasileira de Ginástica**. (2014). Disponível em: (<http://www.cbginastica.com.br/regulamentogeral>). Acesso em: 15 dez. 2014.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regulamento Técnico da Ginestrada Mundial**. (2015a). Disponível em: (<http://www.cbginastica.com.br/ginastica-para-todos>). Acesso em: 07 jun. 2015.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (CBG). **Regulamento Técnico Individual-Ginástica Rítmica**. (2015b). Disponível em: (<http://www.cbginastica.com.br/ginastica-ritmica>). Acesso em: 15 jul.2015.
- FIGUEIREDO, F.: FIGUEIREDO, A.: TELES, P., RAMOS, A. **Estatística descritiva e probabilidades**. Lisboa: Escolar Editora, 2007.
- GERLING, I. **The elements of choreography**. ECC-booklet, UEG. Sem data.
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista**. Brasília: Loyola, 1988.
- GULA, D. **Dance choreography for competitive gymnastics**. Champaign: Leisure, 1990.
- HOUAISS, A. **Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- KNIJNIK, J.D. Gênero, um debate que não quer calar. In: KNIJNIK, J (Org.). **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- LACERDA, D. J.: BORTOLETO, M. A. C.:PAOLIELLO, E. Grupo Ginástico Unicamp: 22 anos de ginástica geral. **Conexões**, Campinas, v. 10, p. 192-208, 2012.
- LANGLADE, A.: LANGLADE, N. R. de. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.
- LIMA, H. C.: MASTRODI, F. B.: SILVA JUNIOR, R.; PIERIN, S. Festival Gym Brasil: trabalhando por meio de parcerias. In: BORTOLETO, MAC et al]. **Anais...**, Campinas: UNICAMP, 2014. p. 307-310.

- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MAZO, J.; GAYA, A. As associações desportivas de Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto brasileira. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 6, n. 2, p. 205-213, 2006.
- MAZO, J.Z.; LYRA, V.B. Nos rastros da memória de um “Mestre de Ginástica”. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 967-976, 2010.
- MECHBACH, J.; WANEBERG, P.L. The World Gymnaestrada – a Non-competitive event. The concept “Gymnastics for All” from the perspective of Ling Gymnastics. **Scandinavian Sport Studies Forum**, Malmö, v. 2, p. 99-118. 2011.
- OLIVEIRA, M.S. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física. Unicamp, Campinas, 2010.
- PAOLIELLO, E.; BORTOLETO, M. A. C.; SCHIAVON, L. M.; FIORIN-FUGLSANG, C. M.; GRANER, L. P. O Perfil da Delegação Brasileira na World Gymnaestrada de Lausanne/Suíça, 2011. **Conexões**, Campinas, v.10, p. 209-222, 2012.
- PATRÍCIO, T. L.; BORTOLETO, M. A. C. Festivais Ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. **Conexões**, Campinas, v.13, p. 98-114, 2015.
- PFISTER, J. Cultural confrontations: German *Turnen*, swedish gymnastics and english sport – European diversity in physical activities from a historical perspective. **Culture, Sport, Society**, New York, v. 6, n. 1, p. 61-91, 2003.
- PÚBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. Guarulhos: Phorte, 1998.
- REZENDE, C. R. A de. A capacitação na Ginástica Geral. In: **Coletânea textos e sínteses do I e II do Encontro de Ginástica Geral**. Campinas: Unicamp, 1996a. p. 37-38.
- REZENDE, C. R. A de. Ginástica Geral no Brasil: Uma análise histórica. In: **Coletânea textos e sínteses do I e II do Encontro de Ginástica Geral**. Campinas: UNICAMP, 1996b. p.51-51.
- SANTOS, J. C. E. **Ginástica geral: elaboração de coreografias, organização de festivais**. Jundiaí: Fontoura, 2001.
- SANTOS, J. C. E.; SANTOS, N. G. M. dos. **História da ginástica geral no Brasil**. Jundiaí: Fontoura, 1999.
- SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, H. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)**. São Leopoldo: Oikos, 2006.
- SOARES, D. B.; BORTOLETO, M. A. C.; AYOUB, E., PAOLIELLO, E., CARBINATTO, M. V. Festival Nacional de Ginástica do Japão: Panorama Geral e Tipologia das Composições Coreográficas. **Conexões**, Campinas, v. 13 (n. especial), p. 127-143, 2015.
- SOUZA, E. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física. Unicamp, Campinas, 1997.
- STADNIK, A.M.W., OLIVEIRA, N.R.C. de. A viagem de estudos na formação continuada de professores: contribuições para o desenvolvimento da ginástica geral. In: TOLEDO, E., VENÂNCIO, S.; AYOUB, E. **Anais...**, Campinas: UNICAMP, 2007. p.118-122.

- TANNER, L. **Gymnastics and sports**. Porvoo: Kotilieden, 1927.
- TIBEAU, C. Diferentes olhares sobre a ginástica geral. **Encontro Nacional de Ginástica Geral**, 1999. p. 22-13.
- TOLEDO, E. O papel da universidade no desenvolvimento da ginástica geral no Brasil. In: TOLEDO, E. et al. **Anais...**Campinas: UNICAMP, 2005. p. 195-198.
- TOLEDO, E. Ginástica de Grande Área: Algumas abordagens e reflexões de sua manifestação no Brasil. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2007. p. 38-43.
- WICHMANN, A. **Sports tourism participation at the World Gymnaestrada: an expression and experience of community and identity**. University of Brighton: School of Sport and Service Management, 2014.
- ZEHNER, A; HALLMANN, K; BREUER, C. Volunteering at sports events- an empirical study of volunteers at the internacional german gymnastics festival 2013. In: CHIEN, P.M. CAUTHE 2014: **Tourism and hospitality in the contemporary world: trends, changes and complexity**. Brisbane: University of Queensland, 2014, s/p.

---

**GYM BRASIL - Festival Nacional de Ginastia para todos****RESUMEN**

El presente artículo discute las características generales del Gym Brasil, en su edición del 2013, así como sus tendencias coreográficas. Por medio de una pesquisa cualitativo-descriptiva, fueran seleccionadas publicaciones sobre gimnasia, específicamente las que analizaban eventos y festivales gimnásticos, documentos oficiales como el estatuto, el reglamento general y específico del evento, todos publicados por la Confederación Brasileña de Gimnasia (CBG). Se constató que la mayor parte de los participantes es del sexo femenino, adolescentes y jóvenes provenientes de la región sudeste. Las coreografías utilizaran materiales adaptados (no oficiales) de tamaño pequeño, con influencia de la música popular, principalmente samba y axé, con significativa énfasis en los fundamentos técnicos de las modalidades gímnicas de competición. Para que los festivales tengan una representatividad geográfica mayor e incluyan mayor diversidad cultural sugerimos mudanzas en las estrategias de difusión adoptadas por la CBG; ofrecimiento de formación continuada; ampliación del número de participantes, especialmente de grupos de otras regiones del país.

**Palabras clave:** Gimnasia; Educación Física y Entrenamiento; Historia

**GYM BRASIL - a National Festival of Gymnastics for all****ABSTRACT**

This article presents the general characteristics of Gym Brasil Festival, 2013 edition, as well as the choreographic tendencies performed. Through a qualitative-descriptive research, it was selected publications about gymnastics, especially ones which analyzed events and gymnastics festivals, official documents as the statute, general rules and specific rules of this event, all published by Brazilian Gymnastics Federation. As results, we observed that most of the participants are women, adolescents and young people coming from the Southeast region. The performances used constructed and/or adapted (unofficial) equipment, influenced by popular music, especially samba and axé, with significant emphasis on technical fundamentals of competitive gymnastics. To the festivals seek greater geographical and cultural diversity, we suggest changes in diffusion strategies adopted by the Brazilian Gymnastics Federation; provide coach and teacher education moments during the event; increase of the number of participants, especially groups from other regions of the country.

**Keywords:** Gymnastics; Physical Education and Training; History

---